

QUINTA-FEIRA
Lisboa--13 de Fevereiro--de 1930

sempre
IX
E
S TOES
Capa



4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

195

sempre

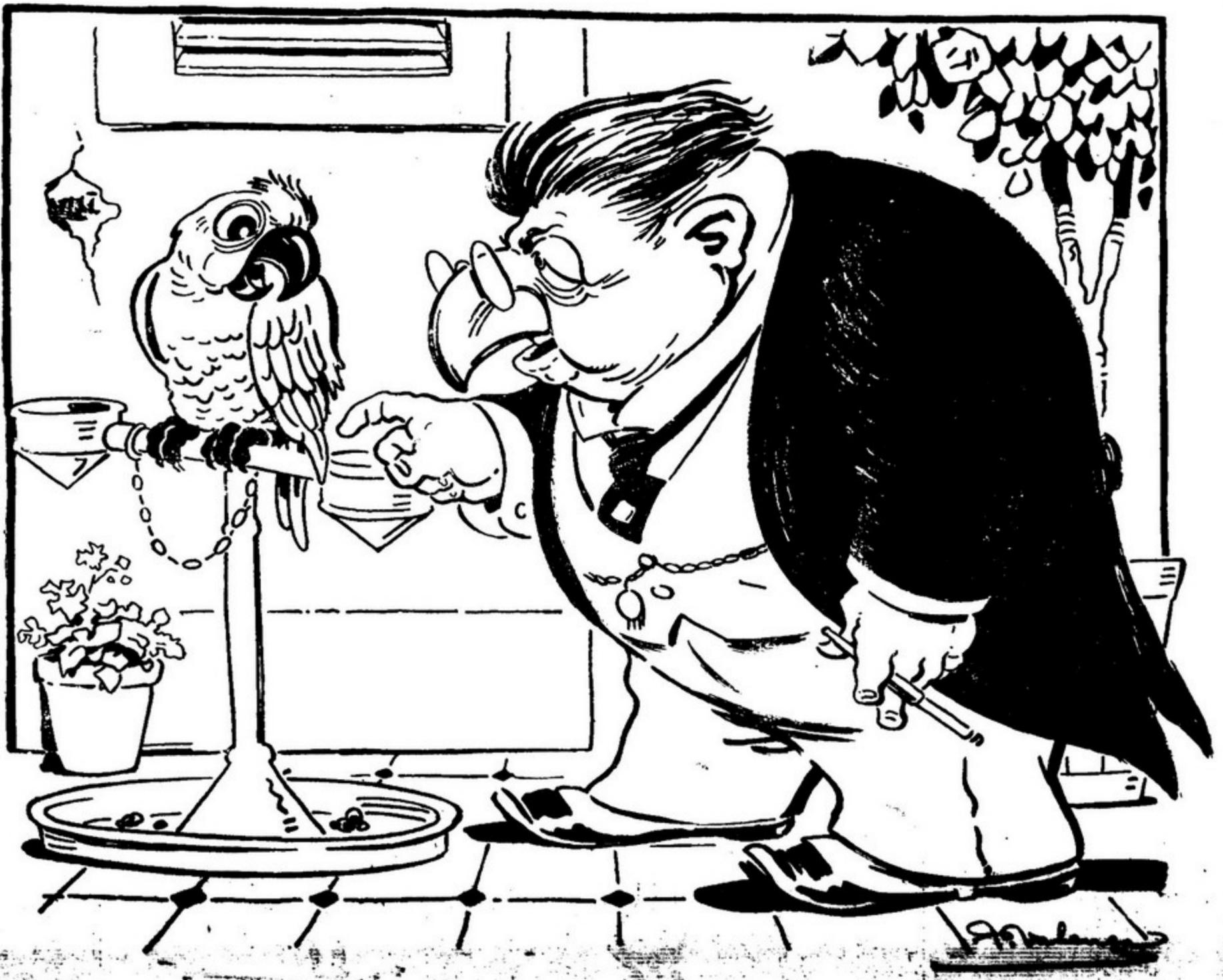
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A DOENÇA DOS PAPAGAIOS



-Dá cá o pé, meu loiro.
-Nessa não calo eu! Não quero que me pegue a «psitacose...»



Os ditos da semana

Na lua «A Luz do Progresso» é um jornal que se publica em Saboia sob a direcção do sr. J. Reis Varela, aquele celebre astrónomo a que já uma vez nos referimos, por se achar em muito boas relações com Marte, Lua e outras planetas. O seu jornal é, nem mais nem menos, do que o «Órgão Oficial do Serviço de Comunicações interplanetárias». Como não podia deixar de ser é impresso na Minerva Comercial de Beja. Parece, á primeira vista, uma coisa exquisita que um jornal que se publica em Saboia, seja impresso em Beja, mas dado que o seu director vae á Lua, a Marte, a Jupiter e a Venus enquanto o diabo estrega um olho, não ha razão para espantos. Sempre ha-de ser mais facil comunicar com Beja do que com a Lua.

O sr. Reis Varela é um benemerito que, além do jornal, vae fundar um observatorio astronomico, que será, segundo diz, a «Estação Central das Comunicações Interplanetárias de Portugal». E

assim, quem quizer saber o que se passa na Lua, se Saturno já comeu mais algum filho, se Venus já despiu a camisa, não tem mais que perguntar ao sr. Reis Varela, que sabe tudo, desde os planetas que são habitados, que tem chuva, atmosfera, canaes, telefones, bocas de incendio e campainhas electricas até a duração dos dias e das noites. Sabe até o egregio astrónomo se os habitantes de Marte tem calos no mendinho, unhas encravadas ou um genio picado das bexigas, porque tudo vê por um oculo, tal qual como a gente vê mosquitos na Outra-Banda.

Basta-lhe assestar a luneta para vêr o que vae por esses espaços fóra e, tão absorvido anda de nariz no ar, escogitando as estrelas, que não dá conta do que se passa á sua volta. O sr. Reis Varela naturalmente nunca viu a cara com que a população de Saboia costuma olhar para ele.

■

Abuso de culto O Parlamento Americano re-

solveu censurar Jesus Cristo por, nas bodas de Caná, ter transformado agua em vinho. Os parlamentares dos Estados-Unidos, por amor da «lei seca» preferiam de certo que Cristo transformasse vinho em agua, com tanto que fossem eles a vender-lhe o vinho para o milagre.

Se assim fosse, devia dar-se um despique muito original: Os americanos a fazerem vinho e Cristo a transforma-lo em agua. E os rios a correrem para o mar o qual, deveria ser de autentica agua-pé.

O que os americanos não sabem é que Cristo quiz apenas obter vinho para as missas, mas não contava que eles abusassem do culto religioso.

■

Horario de trabalho As autoridades resolveram exigir o rigoroso cumprimento do horario de trabalho. Acabou-se o abuso dos patrões que não davam ao seu

personal, tempo para almoçar.

Quem trabalha, ou quem ganha para trabalhar, que não é positivamente a mesma coisa, precisa de comer, de deitar carvão na maquina, de contrario escangalha-se-lhe a caranguejola.

Para evitar abusos de patrões a policia anda em cima deles.

Dos empregados do Estado ainda não se falou para esse efeito, mas tambem não é preciso. Que diabo hão-de eles almoçar?

■

O desarmamento Quando a Sociedade das Nações trata do desarmamento, procurando levar os diferentes paizes a meter no fundo os seus navios de guerra, nós vamos aumentar a nossa esquadra.

Parece um disparate mas não é. Fazendo navios quando os outros os desfazem conseguiremos que se note menos a desproporção...

O FANDANGO



Entre duas mulheres não ha ninguem que o não dance

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

OUTRO. Lá vai outro...
 Agora é o Teatro S. João, do Porto, casa de espectáculos de tradições, que vai passar para cinema. A capital do norte fica reduzida, assim, a um teatro, visto que o C. A. está fechado e diz-se que não voltará a funcionar. E' para demolir. Isto é, o Porto só pode ter um teatro onde possa admirar revista, opereta, comedia e drama.
 Um nosso colega, referindo-se ao boato da transformação, escreve:

«Dá-se como certo que o teatro S. João vai passar a cinema. A noticia, correndo toda a cidade, deixou uma impressão desoladora. E' que as tradições desse teatro — grandes tradições de teatro lirico, com noites gloriosas de arte — não se casam bem a essa transformação.»

Por ali passaram as grandes figuras da scena portuguesa e celebres companhias estrangeiras. A decadencia do teatro nacional — foi a deste teatro, que possui um edificio esplendido. Essa decadencia, porém, — e só os doentes de pessimismo podem conceber tal — não tem, não pode ter um caracter definitivo, eis porque a mudança desse teatro para cinema é inaceitavel. Mas ha mais: fechar-se hoje, nas difficeis circunstancias que se atravessa, uma casa de espectáculos — e tão poucas funcionam já no nosso país! — significa ainda o agravamento da situação de uma classe infeliz. São inumeros os desempregados, na gente de teatro. A crise atirou-os para a miseria.

Mais ainda: o Porto, a segunda capital do país, ver-se-ha — se o boato se confirmar — com um unico teatro! Isto nem é de molde a servir o baírrismo tripeiro, nem a exaltar as necessidades artisticas do Porto de hoje...

Não somos, de forma alguma, contra o cinema; mas não o julgamos nem podemos julgá-lo como sucedaneo do teatro.
 Oxalá se não confirme, pois, o que se dá como certo...

A noticia ai fica, tal qual a lêmos. E' desolador. Pobres artistas teatrais que, dia a dia, veem fechar os teatros, ou por outra, veem fechar as suas oficinas. A crise aumenta. As companhias andam a saltitar de teatro para teatro. O pobre actor não pode ter a sua casa, o seu lar. Para viver, tem que trabalhar, hoje aqui, amanhã acolá. E a provincia exige sempre peças novas. O publico é sempre o mesmo e o repertorio tem de ser renovado constantemente. Aumento de trabalho e aumento de dificuldades para o poder fazer. Nem já a provincia é um recurso. As portas começam a fechar-se. E' um horror e é um mau futuro que se avizinha.
 Pobre artista!

TEMOS sempre muito medo das peças que veem precedidas de exitos formidaveis, de milhares de representações. Mas temos ainda maior receio das que são muito disputadas pelos empresarios.

A prova do que escrevemos está na peça «A aranha».

O que se fez para a sua conquista!

O dinheiro que se gastou em propagandas e nos vários comprados...

E tudo para quê? Esteve em scena onze noites, salvo erro. Onze! Valeu a pena a guerra que se abriu entre os que a pretendiam?



AMELIA E SEIXAS PEREIRA — Um dos quatro casais da companhia Lucilia-Erico, que com tanto brilho interpreta a peça «Eu e Ela», um dos maiores — senão o maior — exito desta temporada, no teatro do Gimnasio.

Temos sempre medo dos exitos lá de fóra.

Os publicos não são os mesmos e o nosso está muito exigente; mais...

Numa primeira já ouvimos dizer da plateia:

— Esta peça é das que nem merece ser pateada...

Imaginem como *eles* entendem de teatro e como apreciam o trabalho dos artistas e os esforços do empresario.

E a verdade é que o empresario tem que fazer frente a este publico e tem de lhe fazer as vontades...

Ele é o juiz e é quem dá ordens... Ha que lhe obedecer e que o respeitar!

CHEGARAM á barra, no domingo, os artistas da companhia E. S. que esteve no Brasil. Chegou tudo, menos a cabeça... Os boatos que correram, de por lá ficarem artistas, não se confirmaram. No entanto, alguma coisa houve. Chegamos á mão o *Diario de S. Paulo*. Insere uma entrevista com o actor brasileiro Procopio Ferreira. Dela extraímos os seguintes periodos:

«Fomos nós os primeiros a noticiar não só a ida da actriz Beatriz Costa, de aderir ao nosso teatro, contratando-se na companhia Procopio Ferreira, como os termos desse contracto.

«... e a actriz Beatriz Costa, o actor brasileiro Procopio Ferreira de contractar ao *Diario de S. Paulo* uma entrevista.

«... O cargo de director da minha

companhia sempre foi occupado por mim.

— O actor Sales Ribeiro ainda não o sabe, mas pretendo convidá-lo a ingressar no meu elenco, numa situação á altura de seus meritos de artista criterioso e prestigiado ante os publicos de Portugal e do Brasil. Espero apenas que terminem os seus compromissos com a minha colega Eva Stachino.

— A minha galante colega Beatriz Costa será contratada com o ordenado mensal de 10 contos e mais 25 por cento da receita liquida, que se transformarão em 50 por cento, ou sociedade, na reforma do contracto...

— Não acha exagerado esse contracto?
 — Não. Um artista é contratado pelo que vale como cartaz para o publico. Ora, Beatriz Costa é popularissima e queridissima. Nada mais justo do que lhe oferecer um contracto de acôrdo com o seu renome.»

E' consolador vêr uma artista portuguesa ser assim reclamada no Brasil. Dez contos brasileiros, é dinheiro! Mas B. C. regressou. Qual a razão porque não aceitou o contracto? Ela lá o sabe... e nós não temos nada com isso...

A vida é realmente uma comedia, mas se essa comedia durasse poucos dias, não valia a pena vivê-la...

A companhia B. B.-A. da C. representará, em breve, no Porto, a peça «Vidas cruzadas».

Este titulo mostra bem a dificuldade de vida que tem os nossos artistas.

A. da C. é um actor que devia estar em Lisboa. Era aqui o seu lugar, embora no Porto o seu nome seja respeitado e querido. Mas a capital do norte não pode manter uma companhia mais dum mês. A população não é amante de teatro como a de Lisboa. Esgotasse depressa. A. da C. merecia, pelo seu real talento, ter teatro na capital. «Vidas cruzadas» é o titulo da nova peça que A. da C. vai interpretar. Vida cruzada é a do artista e ainda maior é quando esse artista é estrangeiro...

NO que deram as três peças daquela companhia... So vearam pouco mais de três meses! E propunham-se subir alto, muito alto. Tinham até os melhores aparelhos, ou sejam as melhores peças. De que serviu estarem tão bem apetrechados? Não sabemos. Verdade seja que — dizem — é dos conjuntos que hoje pode viver o teatro. Será assim, mas este exemplo mostra bem o quanto isto é mentira...

Morreu a companhia das três azas...

UMA critica publicada a semana passada, sobre uma comedia que se estreou, terminava desta maneira:

«Scenarios... Parece que sim, que os havia.»

E' lamentavel que no ano de 1930, e sendo o publico já muito entendedor, se ponham ainda peças com scenarios velhos ou pouco cuidados.

Não ha direito de entregar só aos artistas os exitos das obras. Da *mise-en-scene* depende muitas vezes o seu futuro... E' necessario mais cautela...

QUE especie de pégadas deixará na areia do T. N. a nova peça de L. R. e A. L.?

A teia de aranha no teatro é tão grande, com os onze dias que levou a limpar, depois de alguns meses de formação, que se formou um grande *complot* com elementos estrangeiros só para dar trabalhos ao nosso L. P....

DEPOIS do Carnaval ha contratação de companhias, nos teatros de Lisboa.

Baralham e tornam a dar. Uma vem do Porto e vai para o Brasil. Outra vai para o Porto. Outra vem do Porto. Outra vai para a provincia. Outra, é provavel que se dissolva. Fala-se na formação de uma de revista com grandes elementos... Outra ainda dissolve-se e dela vai uma parte para outro teatro. A deste termina tambem os seus dias... etc...

Autentica quadrilha, com pares e tudo...

O Homem das 5 horas



D. Maria de Lourdes Sá Teixeira, a primeira aviadora portuguesa, vista pelo nosso colaborador Stuart Carvahais que deu agora em andar no ar.

Lenda montenegrina

Um dia, Allah abriu a janela para poder observar dali os homens reunidos em oração.

O seu grão-vizir, de pé, deante dele, começou por mostrar-lhe uma grande sala ornada de tribunas laterais, onde uma grande aglomeração de homens, de pé, com um veu espesso a cobrir-lhes a cabeça e os ombros, executava com voz bastante fanhosa um canto que liam num livro enrolado em duas varinhas.

De vez em quando, essa gente agitava-se, dançava e tocava em grandes chifres com muita força.

— Que gente é aquela? — pergunta Allah.

— São judeus, Senhor...

— Que fazem?

— Adoram-vos.

— Esta adoração com saltos de cabra não me agrada.

Um pouco mais além, viu Allah um grande edifício, dentro do qual homens e mulheres seguiam, umas vezes de pé, outras sentados ou de joelhos, os movimentos de uma personagem colocada frente a uma grande mesa cheia de luzes, flores e ornamentos diversos.

— E aquela gente quem é?

— Cristãos, cre também vos adoraram.

— E o que dizem?

— Dizem que vós sois vosso filho e que vosso filho é vosso pai.

— Não compreendo.

Deitou Allah os olhos para mais além e viu um edifício ornado simplesmente de esteiras e tapetes e muitos homens descalços, que voltavam o rosto para o Oriente. Com as mãos cruzadas sobre o leno, conservavam-se de pé. Depois, entendendo os braços a todo o comprimento do corpo, ajoelhavam-se. Por fim, prostravam-se com a cara no chão, ficando algum tempo nessa atitude.

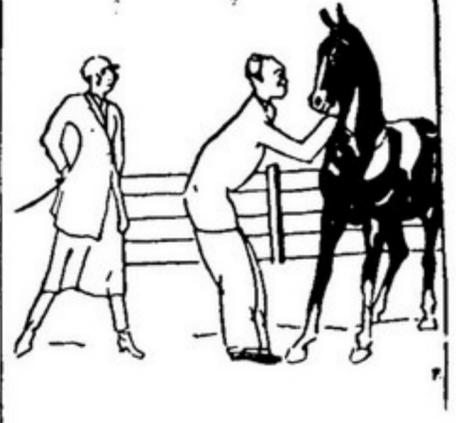
— E estes, quem são?

— Mussulmanos.

— Adoram-me?

— Sim, Allah!

— Desculpo a todos os outros, mas não admito este modo de me adorar, escondendo o rosto no chão e voltando para o céu o... — uma parte do corpo que não eriei para tal uso!...



— Vê se tapas os olhos ao bicho para que ele não veja quem o monta...

Elevator da Gloria

Entre amigos:

— Porque apareciste tão tarde?

— Eu te digo! Fui com um amigo a uma *tasca* beber um excelente vinho; depois tive que o acompanhar a casa, e como sua mulher não lhe quizesse abrir a porta, tive que voltar com ele outra vez à taberna...

— Um grande numero de divorcios são motivados por um erro muito comum

— Qual?

— É o de muitos homens, capturados por uma covinha na face ou por anel de cabelo, cairem no erro de casarem com a mulher inteira...

Lucia: — Hoje em dia, as noticias vão!...

Helena: — Porque dizes isso?

Lucia: — Porque? Porque foi ontem que Margarida entrou na posse da sua fortuna e já recebeu três declarações de amor!... Ora vê lá como tudo se sabe depressa...

— Como o senhor vai queimar essas cartas, podia fazer-me o favor de me dar umas seis...

— Para que as quer?

— Para mandá-las a minha mãe, que quando eu vim para Lisboa me recomendou que lhe mandasse de vez em quando uma epistola...

O hospede: — Pode acreditar, D. Felismina, que ontem á noite vi um rato no meu quarto...

Felismina: — Eu não quero desmentir-lo, mas nesse caso foi o senhor que o trouxe consigo, porque nunca tive semelhante porcaria na minha casa...

Coisas muito diferentes:

Irene: — Ela nunca lh'o perdoaria!

Eduardo: — Porquê? Parece-me que ele até lhe chamou atraente...

Irene: — Não foi isso! O que ele disse foi que ela era ainda atraente

Na praia:

— Não me parece que aquela mulher seja a esposa do Rodrigo!

— Porque não?

— Porque estão a questionar um com o outro constantemente.

— Ah! isso explica-se. Talvez tenham casado secretamente...

Ela: — É admirável a completção da sua amiga. Não parece já ter trinta anos! Ninguém dirá!

Ela: — Agora, não parece, mas já pareceu...

Cronica dos tribunales

O juiz, interrogando um individuo acusado de ter furtado uma carteira:

— Porque foi preso?

— Por estar constipado e ter espirrado!

— Não é acusado disso e confesse o crime, que é melhor...

— Palavra de honra que falei verdade. Posso provar o que afirmo com o proprio queixoso.

— Conte lá então como isso se passou?

— Quando eu tinha as mãos nas algibeiras do queixoso, que estava a dormir, espirrei... Ele acordou. A policia prendeu-me... e aqui estou!

Um *chauffeur* acusado de ter atropelado um homem.

— Como se deu o desastre? — pergunta o juiz.

— Ficaram só duas pessoas com os braços partidos e outra bastante ferida na cabeça.

— Ia com excesso de velocidade?

— Foi o que valeu porque o carro nem sequer apanhou uma beliscadura...

O juiz, a meio da audiencia do julgamento dum homemsinho que era acusado de ter batido noutro, manda levantar o réu e diz-lhe:

— Se metade do que as testemunhas affirmam é verdade, a consciencia do réu deve ser tão negra como o seu cabelo.

O réu: — Se a consciencia de um homem se avalia pelo cabelo que ele tem, eu digo que a do sr.

juiz não deve ser nenhuma, porque é calvo...

Respondeu ha dias na Boa-Hora um individuo acusado de se dedicar a *profissão* do chamado *conto do vigario*.

O juiz: — Tem testemunhas?

— Uma das minhas melhores testemunhas não pode depór hoje por estar doente.

— Porque não trouxe atestado medico a confirmar a doença?

— Se V. Ex. duvida, eu peço licença para ir ali ao telefone saber se o medico já lá foi...

— Muito obrigado! Não vale a pena incomodar-se... Não quero que se estafe!



O portela cheio de indignação: — Que é isso?! Que é isso?!... Alto! Para onde vai o cavalheiro?



— Então não querem lá vêr!... E o medico que me tinha proibido os banhos de mar...

Graça dos outros

Uma senhora, da nossa melhor sociedade, apareceu ha dias notavelmente rejuvenescida, devido a varios ingredientes de beleza agora muito em voga. Um dos seus admiradores, entusiasmado por tão brilhante mocidade, declarou num grupo de amigos:

— Casar-me-ia com essa senhora em virtude das suas magnificas condições físicas.

Logo outro:
— Físicas?! Não haverá engano? Diga melhor: condições químicas...

Certo dia, o visconde de Leiria, estando em casa, tropeçou numa alcatifa, caindo estatelado. O criado, que observara o acontecimento, não se moveu.

— Animal! — gritou irado o visconde — porque não me ajudas?

— Estava esperando que o sr. visconde se levantasse para lhe dar os bons dias!

Entre mendigos:

— Queixas-te da miseria e passas todo o dia na cama sem fazer nada!

— Que queres, homem! E' para não gastar calçado!...

Entre amigas:

— Sabes que Judite casou outra vez!

— Caspitê!... E ela que dizia que o seu primeiro marido, ao morrer, lhe tinha despedaçado o coração...

— Sim, mas vê-se que soube aproveitar os pedaços...

Numa agencia de criadas:

O jornalista: — Quantas criadas coloca por semana?

A patrão: — Quarenta a cinquenta!

O primeiro: — Quer dizer: coloca duas mil mulheres por ano!

A segunda: — Não, porque são sempre as mesmas...

Num incendio:

— A casa já está toda em chamas! Corra a salvar sua mulher!

— Não posso! Tenho um colarinho de celuloide!...

— Qual delas? Tem duas...

— A que lhe ficou! A outra acaba de ser atropelada por um camion...

Ariosto o espartalhão

O Ariosto, assim que chegou aos vinte anos, fez o seu exame de instrução primaria, com grande regosijo da familia, que o considerava uma pessoa intelligentissima.

Lá em casa fez-se festa rija, para a qual foi convidada muita gente e, entre ella, o seu professor.

Fez-se espirito, fizeram-se brindes, fez-se tudo quanto é humano fazer-se nestas festas de familia.

A meio do jantar, o professor do Ariosto, querendo demonstrar aos circunstantes quanto o aluno sabia, disse-lhe assim:

— Ariosto. Você sabe o que é uma oração?

— Sim, sr. professor...

— Então escreva aqui neste papel uma oração.

Ariosto escreveu: «D. Marocas quebrou um pé».

— Bem, muito bem! — diz o professor. — Agora, diga-me qual é o sujeito.

— O sujeito — diz Ariosto — o sujeito, quebrou.

— Bem...

— E o predicado?

— D. Marocas.

— Então diga-me o que é o pe...

— O pé... O pé... é o complemento directo, circunstancial do lugar por onde D. Marocas quebrou.

— Bem! muito bem! — diz o professor. — Mas mudemos de assunto.

— Sim, sr. professor... Olhe, sabe uma coisa, fui ao dentista que me recomendou por causa da dor de dentes...

— E o dente continua a doer?

— Não sei!... O dentista ficou lá com ele.

Pois o Ariosto, no dia seguinte á festa, foi ao Rio de Janeiro, na companhia dum amigalhaço lá da terra, que tinha por ele, pela sua intelligencia e illustração uma formidável admiração.

Andaram, andaram, e de tudo o Ariosto dava explicações ao amigo, cada vez mais embaraçado com tamanha sabedoria. E succedeu que o Destino os colocou em frente do Palacio de Catete, onde se veem cinco figuras que, ao que parece, representam cinco Estados do Brasil.

Ariosto e o companheiro conservaram-se algum tempo a admirar o edificio, fazendo sobre ele as mais variadas observações.

A certa altura, pergunta o amigo a Ariosto:

— Diga-me, sr. Ariosto, que significam aquelas cinco figuras que se veem lá em cima?

— Aquellas cinco figuras são os quatro pontos cardaes: Fé, Esperança e Caridade.



— Oh papá! o que se entende por divida flutuante?

— Por exemplo: um navio hipotecado.



— Mamã! Porque motivo os noivos se dão as mãos quando se casam?

— Pura cortezia! Também os jogadores de "box", apertam as mãos antes do combate!...

Pepinos e beringelas

E porque não?

E porque não?! — perguntava eu, folheando o *Sempre Fixe*. Porque não ha de ele ter a sua *Página Agricola*, como todos os grandes órgãos.

Não se tem farto o nosso padrinho e conselheiro *Diario de Lisboa* de dizer e clamar que o futuro de Portugal está na Agricultura?... Urgia, pois, iniciar a nova secção e eu, voluntarioso e decidido, como sempre me conheci, lancei mãos á obra salutar.

Para abertura destes estudos, a que prometo dar todo o cabedal de saber, que longos anos de estudo armazenaram, transformando-me numa especie de deposito de coiros, vou hoje transcrever um trecho classico de vulgarização.

Extraio-o, *ipsis verbis*, de *O Agricultor Instruido*, precioso car-

tapacio do seculo XVII, da autoria de Frei Teobaldo. Vem no capitulo XXV e intitula-se *Dos Pepinos*.

«Semeiam-se por Março, ou Abril, ou em Maio, e querem a mesma terra que as aboboras. O regá-los seja de sorte que só na raiz toque a agua. A semente, antes de o semear, se lance de mólho em leite de cabras, ou agua-mel, e semeando-lhe a ponta da pevide para baixo, darão mais fruto.

Se depois de darem fruto lhes cortarem a rama, no ano seguinte rebentaráo cedo e darão cedo pepinos.

Os mais verdes e mais pequenos são os melhores. As folhas dos pepinos, pisadas e postas em cima da picadura da centopeia, ou cão danado, são proveitosas, misturadas primeiro com vinho.»

A estes judiciosos dizeres acrescentarei, por hoje, o que o mesmo autor nos diz sobre a cultura da *beringela*, que é, como sabem, uma especie de pepino preto.

Diz Frei Teobaldo:

Querem as beringelas terras quentes. Porão em agua morna as sementes e as fermentarão com panos quentes até deitar grão. Só depois se semelam e, nascidas, se regam. São as beringelas más plantas e mal acomprecionadas. Diz Avicena que geram humores melancolicos, causam postemas; danam a vista e embotam o engenho. E por isso (diz ainda o frademestre) evitem comê-las porque causam tristeza e madorra.»

Afora a lição pratica da sua cultura, extrai-se do que Frei Teobaldo escreveu das beringelas, um aviso sublimado para os agricultores de sempre: *Para comê-las não devem comê-las.*

E ao mesmo tempo se explica porque é que em Lisboa ha tanta gente estúpida: é de comer muita beringela.

MARIAS DE PORTUGAL

AVESSE DUM CONCURSO



Maria da Piedade
Tens pena do passarinho:
Toda deves ter mais pena
de quem te fez o focinho.

N.º 9



Maria d'Anunciação!
D'Anunciação, abrenuncio!
Tem o menino no berço,
anda julga que é anuncio!

N.º 11



Esta Maria dos Anjos
é uma Maria de estrondo!
Mas não ha disto nos Anjos
há só no Conde Redondo.

N.º 12



Maria do Livramento,
livra o velho das galés,
p'ra vêr se ele cata as pulgas
que assim lhe saem dos pés.

N.º 16



Maria da Cruz é triste,
pois não sabe, a pobre virgem,
se ha de cortar o cabelo
ou se ha de coçar a impingem.



O' Maria do Amparo,
os velhos, vai ampará-los,
dá-lhes caldos, dá-lhes lume,
mas não lhes pises os calos.

N.º 22



O' Maria das Mercês,
dá-lhe uns óculos, matreira,
não vês que o homem é miope
e vai perder a cozeira!

N.º 30



Maria da Caridade,
é caridade tratar
desse petiz aleijado
que se não pode sentar.



Esta Maria da Gula,
palavra que até comove!
Com um dia tão bonito
inda está a vêr se chove!

N.º 38



Esta Maria do O'
é uma Maria incapaz,
aproveita a saia curta
p'ra fazer chi-chi p'ra traz.

N.º 47



Maria das Necessidades,
não mais as farás á tôa.
P'ra isso, o «Sior» Quirino
anda a esburacar Lisboa.



Uma nuvem, uma cruz,
uma casa com espêto,
branco é, galinha o pœ...
é Maria do Loreto.

N.º 52



A Maria do Desterro
chora o seu destino mau,
por não ir naquele bote
p'ra a pesca do bacalhau.

N.º 56



Maria da Boa-Hora.
Pois na Boa-Hora, eu creio,
devia estar o papá
deste menino tão feio.

N.º 57



D'Apresentação, tu és,
Maria mal amanhada.
Não tive prazer nenhum
em te ser apresentada.

N.º 59



Maria da Boa-Morte.
E' costume do jornal
deixar os falecimentos
para a pagina final.



Cançada?
Esgotada? Tome

ASPIRINA

que restabelece logo o bem
estar, pois anima e refresca extra-
ordinariamente, eliminando as dôres
de qualquer natureza.

Não ataca o coração nem os rins.

Tambem a Aspirina é um
produto da acreditada casa **Bayer**



DOIS DA SEMANA

ANDAM OS LOBOS GELADOS CHEIOS DE MUSGO E ALTEIA A MORDER OS PORTUGUEZES EM NUMEROSA ALTEIA



OH! RAPAZIADA DAS ESCOLAS SUPERIORES! DEIXAI O CARNAVAL E ARRANJAI UMAS LECAS PARA A CASA DOS PORTUGUESES NESTA CIDADE (EM PARIS)

Cité Universitaire



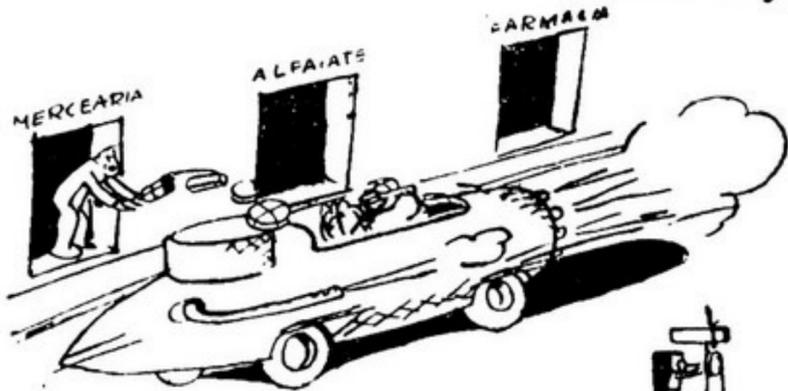
H.A. JA QUEM LHES CHAME OS "BARQUEIROS DO FOLGA"



DE ACORDO COM O NOVO DECRETO CONTRA AS TABOLETAS AFRANCEZADAS, ALGUNS PROPRIETARIOS FARÃO ESTAS ADAPTAÇÕES



NOVO MODELO DE BOLIDO PARA UM CONSUMIDOR QUE QUEIRA FAZER MERCAS ENTRE AS 12 E 15H.



PARA LICAR OS AUTOMATICOS DA COMPANHIA DOS TELEFONES TEM SIDO USADOS MEIA CENTENA DE HOMENS, CUJO ESFORÇO TEM IMPRESSIONADO VIVAMENTE TODA A GENTE

SILVA PORTO E LISBOA CHEGARAM DA LOUZA ALGUMAS TONELADAS DE QUADROS A OLHOS TENDOS.